

## **Amor e Sofrimento em *Segunda Tróia*, de William Butler Yeats**

### **Love and suffering in *No Second Troy*, by William Butler Yeats**

Elaine Cristina Rodrigues Aguiar<sup>1</sup>

Rejane de Souza Ferreira<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo interpretar o poema “Segunda Tróia”, do poeta irlandês William Butler Yeats. Escrito em 1908, o poema faz parte da coletânea de *The Green Helmet and Other Poems*. Nele, Yeats elogia a beleza e inteligência de sua grande musa inspiradora, Maud Gonne, comparando-a com Helena de Tróia. Também expressa seu sofrimento sobre a rejeição de sua amada e sobre as diferentes ideologias políticas entre os dois. Vale lembrar que Maud Gonne teve uma participação ativa na violenta revolução do “Levante de Páscoa”, em prol da independência da Irlanda, em 1916, e que ela rejeitou diversas propostas de casamento de Yeats. Considerando essas informações, analisaremos como o amor não correspondido tornou-se um dos temas da poesia Yeatsiana. A partir de abordagens teóricas de Aldo Carotenuto, Otto Maria Carpeaux, Leandro Konder, entre outros, investigaremos a vida e o estilo das obras do poeta, bem como o contexto sócio histórico da Irlanda durante a luta pela independência.

**Palavras-chave:** W. B. Yeats; Irlanda; Amor; Sofrimento.

**Abstract:** The present study aims to interpret the poem "No Second Troy" by the Irish poet William Butler Yeats. Written in 1908, the poem is part of the collection of *The Green Helmet and Other Poems*. Yeats praises the beauty and intelligence of his great inspiring muse, Maud Gonne, comparing her to Helen of Troy. She also expresses her grief over the rejection of her beloved and the different political ideologies between the two. It is worth remembering that Maud Gonne took an active part in the violent revolution of the "Easter Raise" for the independence of Ireland in 1916, and that she rejected several proposals for marriage by Yeats. Considering this information, we will analyze how unrequited love has become one of the themes of Yeatsian poetry. From the theoretical approaches of Aldo Carotenuto, Otto Maria Carpeaux, Leandro Konder, among others, we will investigate the life and style of the poet's works, as well as the socio-historical context of Ireland during the struggle for independence.

**Keywords:** W.B. Yeats; Ireland; love; suffering.

**Recebido em 10 de abril de 2018**

**Aceito em 16 de julho de 2018**

### **Introdução**

Este texto visa interpretar o poema “Segunda Tróia”, do primeiro irlandês a ganhar o Nobel de Literatura, William Butler Yeats, mais conhecido como W. B. Yeats.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Letras e Graduada em Letras Inglês pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bolsista Capes. E-mail: elaine.aguiar82@gmail.com.br

<sup>2</sup>Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Literários –NIEL. E-mail: rejaneferreira@mail.uft.edu.br

Ele, um dos mais influentes escritores do século XX, destacou-se tanto pela sua poesia, quanto pelas suas peças teatrais. Escrito em 1908, o poema “Segunda Tróia”, escolhido para esta análise, faz parte da coletânea de *The Green Helmet and Other Poems* e refere-se à Maud Gonne, uma amiga do poeta que também era atriz e revolucionária pela independência da Irlanda.

Em “Segunda Tróia”, W. B. Yeats elogia a beleza e inteligência de sua grande musa inspiradora, comparando-a com Helena de Tróia. Mas é também utilizando de alguns versos do poema que Yeats demonstra seu descontentamento sobre as diferenças ideológicas e políticas entre os dois.

Maud Gonne teve uma participação ativa na violenta revolução do “Levante de Páscoa”, em 1916, que foi crucial para independência da Irlanda alguns anos depois e que resultou na morte de muitos revolucionários, dentre eles, John McBride, esposo de Gonne. Yeats também era nacionalista, mas discordava das atitudes adotadas por Gonne e seus companheiros durante a revolução.

A partir de abordagens teóricas de Aldo Carotenuto, Otto Maria Carpeaux, Leandro Konder, entre outros, analisaremos a vida e o estilo das obras de W.B Yeats e o contexto sócio histórico da Irlanda no período de luta por sua independência da Inglaterra, a fim de melhor compreender o poema em foco.

Portanto, dividiremos essa discussão em duas partes, sendo a primeira um estudo sobre o contexto histórico do poeta e suas principais influências e a segunda, a análise do poema em si. Verificaremos, assim, como o amor não correspondido por Maud Gonne tornou-se uma de suas maiores inspirações poéticas.

### **O contexto histórico e político de Yeats**

Considerado um dos maiores nomes da poesia em língua inglesa do século XX. Filho de John Butler Yeats e Susan Pollexfen, Yeats nasceu em Dublin, em 13 de junho de 1865. Em Londres nasceram três de seus cinco irmãos, e também foi o lugar onde ele teve os primeiros contatos com sociedades secretas.

Desde muito jovem, ele se sentiu atraído pela poesia e pelo ocultismo através das filosofias ocultas do Oriente e Ocidente. Segundo Paulina Villareal Montoya:

O estudo da filosofia, sobretudo no ponto de vista oculto ou esotérico, constituiu para Yeats um apoio fundamental, já que sentia que todas as coisas existentes tinham um significado oculto e profundo que estava vedado para a maioria das

peessoas. Os estudos sobre ocultismo encheram as necessidades espirituais do poeta e ofereceram a inspiração e informação necessárias para escrever a sua poesia (MONTROYA, 1982, p. 192).

Yeats junto à sua família acabou voltando para a Irlanda em 1880. Além de ter se tornado um poeta célebre em todo o mundo, Yeats foi dramaturgo, místico e ocupou durante seis anos o cargo de Senador no parlamento do Estado livre da Irlanda. Munira H. Mutran, nos lembra que:

No fim do século, poeta e ensaísta conhecido, Yeats fixou residência em seu país e fundou o “Teatro Literário Irlandês”, formação cultural que envolveu Lady Gregory, Edward Martyn, J. M. Synge, Gordon Craig, entre outros. Além das peças de teatro, ensaios e críticos e autobiográficos, Yeats é mais reverenciado como poeta, apesar de estar atualmente sendo reavaliado como dramaturgo. No período entre 1880 e 1890, o escritor passou por diversas fases. Depois de definir a si mesmo e aos amigos-poetas como “os últimos Românticos”, no fim do século XIX, tornou-se uma das figuras principais do Modernismo até sua morte, em 1939 (MUTRAN, 2015, p. 77).

Em 1923 foi atribuído o prêmio Nobel de Literatura a William Butler Yeats. Suas principais obras foram: *Crossways* (1889), *The Wind among the Reeds* (1889), *The Rose* (1891), *The Celtic Twilight* (1893), *In the Seven Woods* (1903), *The Green Helmet and Other Poems* (1910), *Responsibilities* (1914), *The Towers* (1928), *The Winding Stairs and Other Poems* (1929) e *The Collected Poems* (1933).

W. B. Yeats expandiu seu lirismo entre diversos temas, tais como seus ideais políticos, o místico e a história irlandesa. Maureen Murphy afirma: “Yeats, que explorou a mitologia e o folclore irlandeses como fonte de sua obra, sentiu-se atraído pelas possibilidades que o motivo da metamorfose lhe oferecia e que pode ser encontrado em alguns de seus temas mais amplos” (MURPHY, 2012, p. 94). Dessa forma Yeats adotou, sobretudo, o imaginário celta para suas obras tanto no seu trabalho poético quanto teatral. Também encontramos elementos mitológicos e místicos nos poemas de amor e saudade do poeta, conforme podemos observar em alguns versos de “Segunda Tróia”, “Quando Fores Velha”, entre outros.

A obra literária de Yeats também sempre esteve associada à formação da identidade nacional irlandesa, pelo uso de acontecimentos importantes em sua poesia. Isso se deve também à sua participação ativa no “Irish Literary Revival”, que foi um movimento inovador e revolucionário na Irlanda. De acordo com Laécia Maria F. P. Monteiro:

*A Irish Literary Revival* foi um movimento literário do final do século XIX e início do século XX, que buscou difundir, entre a população irlandesa, a visão de uma identidade nacional genuína, que foi encontrada e resgatada de trabalhos literários do passado (poesias, contos, canções). Veicularam sua mensagem tanto na forma de poesias, contos, coletâneas, quanto na forma de peças de teatro, notadamente encenadas no Abbey Theatre. Curiosamente, o gaélico não era a única língua a ser usada nestes trabalhos e muitos autores, incluindo Yeats, somente foram capazes de conhecer a riqueza do folclore irlandês graças à tradução de antigas obras do gaélico ao inglês (MONTEIRO, 2016, p. 27, grifo nosso).

Um dos acontecimentos mais importantes da história política e social da Irlanda, o “Levante de Páscoa”, foi retratado no seu mais famoso poema político, “Páscoa, 1916”. De acordo com Ramos, o fato que motivou a escrita do poema yeatsiano e que deu destaque ao imaginário irlandês nas obras do poeta foi:

[...] no dia seguinte ao domingo de Páscoa de 1916, um grupo de mais ou menos 700 voluntários ocupou partes de Dublin, proclamando uma República da Irlanda. As tropas inglesas esmagaram o movimento em poucos dias, tendo havido condenações à morte: quinze próceres foram fuzilados, inclusive o marido de *Maud Gonne* (RAMOS, 1987, p. 89, grifo nosso).

Outra fonte de inspiração para o poeta irlandês eram suas musas. Monteiro destaca que nos poemas de Yeats “[...] a figura da musa divina, da cultura grega, foi adaptada para mulheres de carne e osso de seu próprio convívio, mas, logicamente, inalcançáveis” (MONTEIRO, 2016, p. 30). Em especial, a mulher que viria a se tornar entidade inspiradora de muitas de suas poesias, Maud Gonne.

Atriz e revolucionária, Maud Gonne (1865 – 1953) foi chamada de “Joana D’arc irlandesa”, por suas atividades voltadas para o movimento de independência da Irlanda, mas seu nome entrou para o imaginário histórico e literário irlandês através dos poemas de amor de W. B. Yeats, conforme podemos observar a seguir.

### **A outra face do amor em *Segunda Tróia***

Um dos fundadores da filosofia ocidental, o grego Platão (428-347 a.C.), foi um dos primeiros autores a conceituar o amor, conforme podemos observar através de sua obra *O Banquete*, que traz na sua narrativa a história de quando o filósofo Sócrates visita a casa de Agatão e participa de um “banquete”, cujo diálogo gira em torno do conceito de amor:

Assim, de muitos lados se reconhece que *Amor* é entre os deuses o mais antigo. E sendo o mais antigo é para nós a causa dos maiores bens. Não sei eu, com efeito,

dizer que haja maior bem para quem entra na mocidade do que um bom amante, e para um amante, do que o seu bem-amado (PLATÃO, s/p, grifo nosso).

De acordo com Sonielson Luciano de Sousa, o termo “amor platônico” é: “Provavelmente essa valoração do ‘amor’ por Platão, numa perspectiva que num primeiro momento parece inatingível” (SOUSA, 2013, s/p). Para Sousa, é “Importante observar também que Platão não classifica o ‘amor’ em ‘Bem ou Mal’. Ele (o Amor) teria que transcender a esse dualismo emergente. Assim, apresenta-se como um dos maiores bens (no sentido de conquista) de um homem” (SOUSA, 2013, s/p). Ainda nessa perspectiva, Leandro Konder argumenta:

O amor, ao que tudo indica, é o sentimento mais forte de que é capaz a *psiquê*. Ele costuma atropelar e arrastar outros sentimentos com ele em seu caminho. As sensações que provoca podem ser deliciosas, mas também podem ser dolorosas, assustadoras. Com ele, caminham medos e esperanças (KONDER, 2007, p. 8, grifo do autor).

Para escritores e poetas, o amor tornou-se um tema fértil em suas criações literárias, pois esse sentimento pode alimentar outras sensações como o desejo ou o sofrimento nas emoções das pessoas. Dessa forma, o autor André Capelão, através de sua obra *Tratado do amor cortês*, escrito no século XII, define que:

Amor é uma paixão natural que nasce da visão da beleza do outro sexo e da lembrança obsedante dessa beleza. Passamos a desejar, acima de tudo, estar nos braços do outro e a desejar que, nesse contato, sejam respeitados por vontade comum todos os mandamentos do amor (CAPELÃO, s/d, p. 267).

O poeta W.B Yeats se encantou com a beleza de Maud Gonne e acabou se apaixonando por ela. Segundo Péricles Eugênio da Silva Ramos: “[...] Foi ela alvo de muitas poesias de Yeats, nas quais figura até como uma segunda Helena de Tróia” (RAMOS, 1987, p. 14). Conforme podemos observar nos versos do poema em análise, “Segunda Tróia”:

Por que hei de a censurar por ter-me enchido os dias  
De miséria, ou por ter em horas não distantes  
Ensinado a violência a homens ignorantes  
Ou lançado as pequenas ruas contra as grandes,

Tivessem a bravura igual à aspiração?  
Como traria ela paz com sua mente  
Que a nobreza fez simples, simples como o fogo,  
Com uma beleza de arco tenso, uma versão

Que não é natural em tempo como o nosso,  
 Por isolada e alta e austera e singular?  
 Que poderia ela ter feito, sendo o que é?  
 Havia uma nova Tróia para ela queimar?

Escrito em 1908, o poema faz parte da coletânea de *The Green Helmet and Other Poems* (1910) e faz referência à desilusão amorosa que Maud Gonne provocara em Yeats. Nesse poema, o poeta elogia a beleza e a inteligência de Gonne, comparando-a com Helena de Tróia, e, também acusa a violência revolucionária por ela pregada, conforme destaca Ramos: “[...] Yeats mostra seu desprezo tanto pelos partidários como pelos oponentes de Maud Gonne, em suas lutas em prol da Irlanda. E a fusão do pessoal, da causa irlandesa e de Helena torna o poema ‘um triunfo da técnica mitopoética’ (RAMOS, 1987, p. 65). Murphy ainda destaca que:

Embora Yeats estivesse especialmente preocupado com a transformação de Maud Gonne de beldade pré-rafaelita em ícone ativista, ele foi crítico de outras mulheres bonitas e politicamente ativistas. O fato de que uma mulher pudesse inspirar um sacrifício heróico era um mito que Yeats podia aceitar; o que ele não parecia considerar era um contramito. Maud Gonne e as irmãs Gore-Both não sugeriam ação; elas agiam (MURPHY, 2012, p.110).

Maud Gonne ganhou destaque como ativista e revolucionária, envolvida com a causa nacionalista, e, também foi atriz, atuando em diversas peças produzidas por Yeats no Abbey Theatre. Porém, as diferenças políticas com Gonne contrariavam os ideais de Yeats, tornando tensa essa relação, conforme destaca Murphy:

Yeats fizera por Maud Gonne o que o Homero fizera por Helena (Poems, p. 139). Ambas as mulheres eram beldades, mas, comparada a Gonne, Helena tinha uma beleza passiva. Gonne, um avatar moderno de Maeve, da Irlanda, a deusa soberana/rainha guerreira, foi uma ativista política, e esse aspecto de sua identidade era um problema para Yeats, que acreditava que as concepções políticas de Gonne comprometiam sua beleza (MURPHY, 2012, p. 106 - 107).

Nas primeiras décadas do século XX, Maud Gonne apoiou os revolucionários mais radicais na luta pela independência da Irlanda contra a Inglaterra. Em 1916, John McBride, marido de Gonne, participou do violento “Levante de Páscoa” contra os ingleses e acabou sendo executado com outros revolucionários. Yeats e Gonne concordavam com uma política nacionalista, mas ele não estava de acordo com algumas táticas utilizadas por ela.

O poema analisado, “Segunda Tróia”, nos sugere que o eu-lírico está censurando Maud Gonne de ser parcialmente responsável pela violência na Irlanda revolucionária,

conforme podemos observar em seu último verso: “Havia nova Tróia para ela queimar?”. Seguindo esse pressuposto, o sujeito-lírico apresenta Gonne como a figura que causou a revolução pela independência da Irlanda, comparando-a com “Helena” que foi parcialmente acusada de ser responsável pela Guerra de Tróia.

Helena escolheu Menelau, e vivia feliz com ele, quando Páris se tornou hóspede do casal. Com a ajuda de Vênus, Páris convenceu-a a fugir em sua companhia e levou-a para Tróia, o que provocou a famosa guerra, assunto dos maiores poemas na Antiguidade, os de Homero e de Virgílio (BULFINCH, 2014, p. 207).

A partir do título, “Segunda Tróia”, compreende-se que o eu-lírico sugere que sua amada possui a beleza e a malícia de Helena, a lendária figura que foi acusada de ser responsável pela mitológica “Guerra de Tróia”. Para Yeats, apesar de se questionar no início do poema sobre a culpa que coloca em Gonne como motivo de sua infelicidade; o sujeito-lírico indica que como não havia uma “segunda Tróia” para Gonne destruir, ela teve que destruir outras coisas, como o coração do poeta e a vida dos homens na qual ela pregava uma violência revolucionária pela independência da Irlanda, conforme podemos notar na primeira estrofe do poema:

Por que hei de a censurar por ter-me enchido os dias  
De miséria, ou por ter em horas não distantes  
Ensinado a violência a homens ignorantes  
Ou lançado as pequenas ruas contra as grandes [...]

Apesar de discordar politicamente de sua musa, o sujeito lírico não deixava de enfatizar sua admiração pela beleza e pela coragem de Maud Gonne. “Com uma beleza de arco tenso [...]”, é assim que o poeta a descreve em “Segunda Tróia”. Para Murphy: “Yeats associou a imagem sexual masculina de flecha com adjetivos masculinos para descrever Gonne: corajosa, solitária e inflexível” (MURPHY, 2012, p. 107). Ao reconhecer a incomum beleza e o talento de Gonne, o poeta imortaliza a figura revolucionária que a sua musa se tornou para a Irlanda.

Em outros momentos do poema, nota-se que o sujeito-lírico se refere à beleza de Gonne como uma forma de manipulação para convencer as pessoas a se oporem ao poder da potente colônia britânica, conforme podemos observar na segunda estrofe de “Segunda Tróia”.

Tivessem a bravura igual à aspiração?  
Como traria ela paz com sua mente

Que a nobreza fez simples, simples como o fogo,  
Com uma beleza de arco tenso, [...]

Vale lembrar que Maud Gonne rejeitou pelo menos quatro propostas de casamento de Yeats, mas a paixão dele por ela era tão grande que, ele chegou a pedir a mão de Iseult Gonne, filha de Gonne, sendo também rejeitado pela jovem. Segundo Aldo Carotenuto: “A única linguagem possível continua sendo a da arte, da poesia, que com seus misteriosos poderes alquimistas consegue expressar o que de outra forma permaneceria para sempre lacrado” (CAROTENUTO, 1994, p. 32). No caso de Yeats, foi através da poesia que ele conseguiu expressar o sentimento de rejeição que sofria e de seu desacordo sobre os atos de Gonne, conforme podemos notar no final do poema em análise.

Que não é natural em tempo como o nosso,  
Por isolada e alta e austera e singular?  
Que poderia ela ter feito, sendo o que é?  
Havia uma nova Tróia para ela queimar?

Nota-se que o eu-lírico cria uma série de questionamentos sobre o futuro de sua amada, levantando a suspeita sobre o que mais ela seria capaz de fazer e que não estava de acordo com a vontade do poeta. Para o sujeito lírico, essa mulher era capaz de provocar uma revolução na vida das pessoas, tal como foi o Levante de Páscoa, a ponto de compará-la com a lendária história grega.

O amor não correspondido por Maud Gonne tornou-se um dos temas da poesia de Yeats, e, além de “Segunda Tróia”, o poeta também se inspirou em Maud Gonne para escrever outros poemas de amor e sofrimento, tais como: “A Rosa do Mundo”, “Nunca Entregueis de todo o Coração”, “Oh não Ameis por Longo Tempo”, “Amigas”, “Os Cisnes Selvagens em Coole” e “Quando Fores Velha”.

### **Considerações finais**

Diante das situações apresentadas, concluímos que a poesia de W. B. Yeats apresenta uma forte ligação com o contexto histórico político da Irlanda e através do estudo da vida e obra do poeta, observamos as suas principais inspirações poéticas.

A análise do poema “Segunda Tróia” nos possibilitou discutir como a história de luta pela independência da Irlanda e a rejeição de Maud Gonne teve uma grande influência na escrita de Yeats. Dessa forma, através do poema analisado, foi possível



constatar que a figura de Gonne teve um papel importante durante a revolução do “Levante de Páscoa” e na vida do poeta.

Ao adotar o contexto histórico político de seu país em suas obras e o amor não correspondido por sua musa, Maud Gonne, Yeats tornou-se uma referência na literatura e na história de luta pela identidade irlandesa, assim como o amor e sofrimento por Gonne ficou para sempre registrado em seu trabalho poético.

## Referências

BULFINCH, T. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução David Jardim. Rio de Janeiro: Agir, 2014.

CAROTENUTO, A. *Eros e Pathos: amor e sofrimento*. Tradução Isabel F. L. Ferreira; Revisão: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1994.

CARPEAUX, O. M. *História da literatura ocidental*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

CAPELÃO, A. *Tratado do Amor Cortês*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ENCYCLOPEDIA OF WORLD BIOGRAPHY. *Maud Gonne Facts*. Disponível em: <<http://biography.yourdictionary.com/maud-gonne>>. Acesso em: 27/06/2017.

KONDER, L. *Sobre o amor*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MONTEIRO, L. M. F. P. *Identidade e Alteridade: Tradução e manifestação da poesia de W. B. Yeats*. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/16418/1/2016\\_LaeticiaMariaMonteiro\\_tcc.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/16418/1/2016_LaeticiaMariaMonteiro_tcc.pdf)>. Acesso em: 28/06/2017.

MONTOYA, P. V. *El ocultismo en la poesia de William Butler Yeats*. Revista Una, Vol. 1, Núm. 10 (1982). Disponível em: <<http://revistas.una.ac.cr/index.php/letras/article/view/4819/4636>>. Acesso em 19/06/2017.

MUTRAN, M. H. *A batalha das estéticas*. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2015.

MURPHY, M. *Lectures 2012*. Editado por Munira H. Mutran e Laura P. Z. Izarra. São Paulo: Humanitas, 2013.

NO SECOND TROY BY WILLIAM BUTLER YEATS. Disponível em: <<http://www.shmoop.com/no-second-troy-yeats/>>. Acesso em: 20/06/2017.

PLATÃO. *O Banquete (O amor, o belo)*. Livro de domínio público. Disponível em: <[https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/10/platao\\_o\\_banquete.pdf](https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/10/platao_o_banquete.pdf)>. Acesso em: 19/06/2017.

RAMOS, P. E. D. S. R. *Poemas de W. B. Yeats*. São Paulo: Art Editora, 1987.

SOUSA, S. L. D. *Amor Platônico em O Banquete: uma análise da definição ampla do Amor*. (En)cena. 2013. Disponível em: <<http://encenasaudemental.net/cinema-tv-e-literatura/amor-platonico-em-o-banquete-uma-analise-da-definicao-ampla-do-amor/>>. Acesso em: 19/06/2017.

YEATS, W. B. 1865-1939. *Poemas de W. B. Yeats*. Tradução Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Art Editora, 1987.